



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS SERTÃO  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TATYELLE OHANA RAMALHO CARACIOLO LIMA**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIAS DO  
ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PAULO  
AFONSO.**

DELMIRO GOUVEIA

2018

TATYELLE OHANA RAMALHO CARACIOLO LIMA

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Ma. Geisa Carla Gonçalves Ferreira.

DELMIRO GOUVEIA – AL

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

- L732r    Lima, Tatielly Ohana Ramalho Caraciolo  
          As relações de gênero na educação infantil: vivências do estágio em educação infantil em uma escola municipal de Paulo Afonso / Tatielly Ohana Ramalho Caraciolo Lima. - 2018.  
          38 f. : il.
- Orientação: Geisa Carla Gonçalves Ferreira.  
          Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.  
          Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2018.
1. Educação infantil. 2. Relações de gênero. 3. Estágio supervisionado. 4. Ensino fundamental. I. Ferreira, Geisa Carla Gonçalves, orient. II.Título.

CDU: 373.3

TATYELLE OHANA RAMALHO CARACIOLO LIMA

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia submetida à banca examinadora na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus do Sertão, aprovada em \_\_\_\_\_.

Delmiro Gouveia-AL, \_\_/\_\_/2018

Documento assinado digitalmente



GEISA CARLA GONCALVES FERREIRA

Data: 02/04/2024 19:58:52-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Geisa Carla Gonçalves Ferreira

(Orientadora)

josé Ivamilson silva Barbalho

Prof<sup>o</sup>. Dr. José Ivamilson Barbalho

(Examinador Interno)

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Beatriz Araújo da Silva

(Examinadora Interna)

---

Prof<sup>o</sup> Ma. Giseliene Medeiros Almeida

(Examinadora Externa)

(Faculdade Pio Décimo de Canindé – FAPIDE)

Dedico a minha sobrinha, Maria Luiza Caraciolo, luz dos meus  
olhos, menina tão amável.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, autor e consumidor da minha fé. “Porque Dele, por meio Dele e para Ele são todas as coisas. ”

Ao meu amado esposo, Álisson Lima, que acompanhou de perto a minha trajetória até aqui, sempre me encorajando, sendo compreensivo e me apoiando.

Aos meus genitores, Mireille e Edmilson pelo amor, respeito, honestidade e empatia à mim depositados. As minhas irmãs Pâmela e Lorena, que sempre me apoiaram, mesmo sem muitas vezes usarem palavras. A minha sobrinha Maria Luiza, que mesmo tão pequena me ensina grandes lições. Louvo a Deus por me permitir viver um amor tão grande de tia. Me orgulho em fazer parte dessa família.

A minha segunda família, presente de Deus, Tia Sandra, Emerson e Dandara. Que me deram total apoio em Delmiro Gouveia/AL. Cederam sua casa e corações para mim. Serei eternamente grata.

Aos meus amados amigos e irmãos em Cristo da Igreja Presbiteriana de Itaparica, pelas orações, em especial Livia e Sophia, amigas mais chegadas que irmãos. Sempre estiveram comigo em todos os momentos na vida universitária, desde a aprovação no vestibular até agora.

Aos meus amigos de curso, pelo encorajamento mútuo na caminhada. Pelos risos, companhia e apoio durante a jornada. Construí amizades que ultrapassarão os muros da UFAL.

Aos mestres, que foram essenciais na construção de todo conhecimento adquirido ao longo dos semestres.

Por fim, externo os meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Geisa, digna de toda minha admiração. Paciente e generosa, sempre que eu pensei em desistir, me disse carinhosamente: “não me venha desistir agora.” (risos).

As estrelas podem ser vistas do fundo de um poço escuro, quando não podem ser discernidas do topo de um monte. Assim também, muitas coisas são aprendidas na adversidade, com as quais o homem próspero nem sonha.

C. H. Spurgeon.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como escopo analisar o comportamento e relação entre meninos e meninas em uma turma de educação infantil, em uma escola da rede municipal de Paulo Afonso/BA. Aborda em primeiro plano o contexto histórico da Educação Infantil, iniciando-se na revolução industrial como instituição assistencial, objetivando suprir as necessidades das crianças e das famílias da classe trabalhadora. Num primeiro momento, fala-se da pertinência da pesquisa, justificando teoricamente a importância da mesma e situando o leitor ao campo de pesquisa, região coronelista e marcada por preconceitos. O segundo capítulo trata da importância do estágio em pedagogia na UFAL do Campus Sertão, sob uma perspectiva histórica do trabalho pedagógico e seus desafios e possibilidades. Em seguida, são tecidas breves considerações acerca das relações de gênero na educação infantil, além de mencionar vivências da pesquisadora no campo de estudo. De outro lado, traz à baila o breve histórico e resultados obtidos durante a pesquisa. A metodologia utilizada para a confecção deste trabalho foi à Pesquisa de campo, que correspondeu à observação, análise e interpretação de fatos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Relações de gênero. Trabalho pedagógico.



## **ABSTRACT**

The present research has as scope to analyze the behavior and relationship between boys and girls in a kindergarten class at a school of a municipal system in Paulo Afonso/BA. It approaches in first plan the historical context of Early Childhood Education, beginning in the industrial revolution as a care institution, objectifying to meet the needs of children and families of the working class. In the first moment, the pertinence of the research is discussed, justifying theoretically its importance and placing the reader in the field of research, region of colonel and marked by prejudices. The second chapter deals with the importance of the traineeship in pedagogy at UFAL Campus Sertão, under a historical perspective of pedagogical work and its challenges and possibilities. Then, brief considerations on gender relations in early childhood education are made, besides mentioning the experiences of the researcher in the field of study. On the other hand, it brings to light the brief history and results obtained during the research. The methodology used for the production of this work was field Research, which corresponded to observation, analysis and interpretation of facts.

**Keywords:** Early Childhood Education. Gender relations. Pedagogical work.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

LDBEN 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

CRFB 1988 – Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – **M**apa da região Nordeste

Figura 2 – Mapa do sertão Baiano

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Justificativa do campo de estudo.....	13
1.2 Justificativa da pertinência teórica do estudo .....	15
1.3 Justificativa social, regional e situacional da pesquisa.....	17
<b>CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPECIFICIDADES DA PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>20</b>
2.1 Antecedentes teóricos .....	21
2.2. Educação infantil: itinerário formativo sob a experiência do estágio na Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão) .....	25
2.3 A natureza do trabalho pedagógico na educação infantil: desafios e possibilidades .....	27
<b>CAPÍTULO III – APROXIMAÇÕES COM O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>30</b>
3.1 Arranjo metodológico .....	30
3.2 As relações de gênero na educação infantil .....	33
3.3 Narrativas, diálogos e subjetividades: vivências em foco	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>38</b>

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa interventiva realizada em uma escola de educação básica, localizada no centro da cidade de Paulo Afonso-BA. Foi realizada durante o estágio supervisionado 2, no 7º período do curso de Pedagogia, envolvendo dois alunos do curso e uma turma do Jardim 2. Aconteceu entre o período de outubro/2017 a novembro/2017. Teve como principal objetivo trazer aos alunos o reconhecimento da igualdade entre os gêneros na Educação Infantil, tema de total relevância para a região em que estão situados.

### **1.1 Justificativa do campo de estudo**

Em meio às brincadeiras e canções percebemos como as crianças se comportam e se expressam física e emocionalmente; criam e recriam realidades que até então pensávamos ser inventadas, mas que, são representações da sua própria realidade. E nessas representações da realidade podemos notar que as relações de gênero estão presentes de forma marcante na vida de nossas crianças. Nessa recriação da realidade as crianças reproduzem os mesmos preconceitos dos seus pais, relacionados ao gênero, dando os mesmos significados que os homens e as mulheres têm na sociedade, na família e o trazem para o ambiente escolar.

Dessa forma pensamos que:

Podemos destacar que as diferenciações entre meninos e meninas, homens e mulheres, são demarcadas e disseminadas tanto pela família quanto pela escola nos meandros da cultura, criando, muitas vezes, padrões comportamentais distintos de masculinidade e feminilidade que se inscrevem nos corpos e incidem nos modos de ser de cada indivíduo (PEREIRA, 2016, p. 3).

É notório que as diferenciações entre meninos e meninas começam a ser construídas bem antes do indivíduo se perceber como tal e que essas atribuições perpassam a família e ganham força na escola, principalmente nos anos iniciais, pois, é na escola que as atribuições entre os sexos se tornam mais visíveis e conseqüentemente reforçadas. Notamos que, este comportamento é reforçado quando para as meninas o ensinamento é de subserviência, uma conduta de dona de casa tradicional, frágil, meiga, sentimental e fraca. Para os homens o

ensinamento é o oposto, ser o mais forte, o mais viril e o que pouco expõe os sentimentos.

A escola como um mecanismo propulsor da igualdade deve ter um olhar atento para estas relações que acontecem no seu meio. Para (LOURO, *apud* DANIELA, 2012),

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados – portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas (LOURO, *apud* DANIELA, 2012 p. 7).

Hodiernamente, de uma forma diferente a escola continua deixando suas marcas nos indivíduos, nos seus corpos, no seu pensamento e no seu modo de agir. Dentre os mecanismos que podemos observar no ambiente escolar que são utilizados com muita frequência é o da linguagem.

Desse modo, por si só, a linguagem ultrapassa todas as barreiras e em sua maioria saem de nosso interior quase naturalmente, e essa naturalidade nas relações de gênero é que faz o indivíduo pensar que tais comportamentos já foram determinados por todo o sempre.

Podemos pensar então que as relações de gênero se constituem também como relações de poder e como essas relações de poder se manifestam e se perpetuam na sociedade:

Em muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais”. A escola é parte importante neste processo. Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas (LOURO, *apud* DANIELA, 2012, p. 10).

Na escola, a criança é entendida como o ponto de partida para a vida social passando a reconhecer os valores, as regras que a sociedade impõe e participado ativamente na construção da sociedade.

Ao observar as relações entre as crianças pode-se notar que os preconceitos e os dilemas que cercam as relações de gênero estão presentes, mas que ao

mesmo tempo não conseguem influenciar totalmente seu pensamento e forma de agir, embora estejam presentes. Os adultos anelam que os meninos se comportem de uma determinada maneira, tal como as meninas devem se comportar de tal forma.

Ao observarmos as brincadeiras feitas pelas crianças podemos perceber um momento oportuno com a mediação do professor, em tentar desconstruir preconceitos de gênero, que esses momentos possam correr livres, principalmente quando numa determinada situação podemos ver um comportamento sexual pré-determinado, e nesse momento o professor deve conduzir de forma sutil a situação, entretanto:

Muitas professoras tomam para si a responsabilidade de vigilância diante da possível orientação sexual das crianças, especialmente quando se trata de meninos, pois na nossa cultura muitos adultos veem com extrema reserva o fato de alguns meninos demonstrarem comportamentos considerados não apropriados com a sua masculinidade. Dessa forma, brincar de boneca ou estar sistematicamente brincando de casinha com as meninas, ou querer fantasiar-se de personagens femininos, ainda é visto com muita preocupação por parte de profissionais que atuam em creches e pré-escolas (FELIPE, *apud* DANIELLA, 2012 p. 11).

As crianças, a cada momento estão se reinventando, buscando novas brincadeiras e novas formas de brincar, novos prazeres simplesmente pela curiosidade natural dela.

A medida em que as crianças ultrapassam as fronteiras pré-determinadas por gênero, a escola deve procurar meios para conseguir se adaptar às novas relações da sociedade e de forma natural integra-las em todos os meios em que elas possam transitar.

## **1.2 Justificativa da pertinência teórica do estudo**

O ambiente escolar é por natureza um local em que as relações de convivência se tornam cada vez mais importantes para qualquer pessoa, tão importantes que são fundamentais para a adaptação ou não adaptação do indivíduo a um determinado lugar.

Na escola, este momento é repleto de divergências, sendo na infância o momento mais visível, pois a criança não tem filtros e sua sinceridade vem à tona

revelando um comportamento hostil ou não. Neste sentido, a criança passa a revelar um comportamento preconceituoso, agressivo, acolhedor, amoroso, através da relação com seus amigos, na relação com os professores e das brincadeiras em grupo.

Pudemos constatar na sala de aula alguns comportamentos preconceituosos entre meninos e meninas no sentido de diferenciação de gênero, meninos brincam com meninos e meninas com meninas, assim como tudo o que era feito na sala de aula e fora dela, sempre separando os dois sexos e atribuindo funções que faziam as crianças achar que o sexo delas é mais importante ou menos importante que o outro.

Percebemos então que, algumas crianças traziam de casa o mesmo pensamento, porém de uma forma mais agressiva, bastante intolerante. Notamos que para algumas crianças exteriorizarem este comportamento era preciso o uso da violência física e em alguns momentos psicológica, mostrando o reflexo de como seus pais pensam sobre as relações de gênero.

Para nós, este momento de intolerância se mostrava com mais intensidade durante as brincadeiras do recreio e as propostas pela professora em sala de aula, resolvemos então, escolher a temática relações de gênero na Educação Infantil.

As normas de comportamentos observadas conduzem o comportamento das crianças e a faz agir de uma maneira ou de outra,

As normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres. Desde a infância, tais atitudes são enraizadas através dos relacionamentos na família, na escola, construindo assim valores, nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos (DANIELA, 2012, p. 1).

É importante fazer reflexões sobre a imagem do menino e da menina no espaço escolar através do resultado das experiências das atividades propostas durante o período de pesquisa.

A presente pesquisa justificasse acadêmica e profissionalmente, pois tem o objetivo de desconstruir papéis socialmente construídos para o homem e para a mulher que, desde crianças assumem características impostas por outras pessoas para que possam ser aceitas na comunidade em que vivem e, que, para serem aceitos assumem características que podem não ser de sua identificação ou do seu interesse.



Tendo como função o papel de romper preconceitos e paradigmas sociais, a escola atua como um agente capaz de construir no ser humano valores que o façam respeitar o próximo e integra-lo na sociedade, independente do seu gênero, sendo assim,

Considerando que gênero se refere aos modos como as pessoas vivem socialmente o sexo masculino e o sexo feminino e que estes modos são apreendidos através da cultura, em todos os espaços sociais, sejam eles espaços institucionais ou não, entende-se que a escola atua como um dos ambientes mais importantes nessas aprendizagens (PEREIRA, 2016, p. 2).

Entendemos que a escola é o principal instrumento capaz de discutir, de refletir, problematizar este assunto, reforçando ainda mais a importância que a educação tem na vida de qualquer ser humano.

### 1.3 Justificativa social, regional e situacional da pesquisa

Figura 1 – Mapa da região nordeste



FONTE: <https://www.todamateria.com.br>

A Bahia está localizada na região Nordeste do Brasil e faz divisa com alguns estados, como Pernambuco e Minas Gerais. Paulo Afonso-BA por sua vez, localizada na região periférica da Bahia, no sertão Baiano, traz fortes marcas do

coronelismo existente nas pequenas cidades de interior. Conforme pesquisas do IBGE (2018), Paulo Afonso conta com uma população estimada em 117.014 habitantes.

Figura 2 – Mapa de Paulo Afonso



Fonte: <https://www.todamateria.com.br>

Desde os tempos do coronelismo no Brasil até os dias de hoje, reflete grande poder de domínio dos homens sobre as mulheres, influenciando diretamente na criação dos filhos, que refletem na convivência com os colegas da escola.

Observar uma família patriarcal, onde o pai/esposo detém todo controle, faz com que os garotos reproduzam tais atitudes, exigindo das garotas submissão e por fim acabam desvalorizando o gênero feminino e ridicularizando. Em contraponto, as garotas crescem oprimidas, sendo ensinadas a viverem em dedicação exclusiva ao lar, marido e filhos.

Tais práticas trouxeram grande reflexo para a convivência na escola, refletindo de forma direta na relação menino X menina.

Conforme Louro (2008):

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. Louro (2008, p.28).

Diante disso, foi de suma relevância discutir relações de gênero na educação infantil, em especial nesta escola, porque há grande relevância social contribuir para a melhoria da vida entre os alunos na escola, para a compreensão de mundo e para o desenvolvimento da emancipação. É necessário destacar que além de relevante para a sociedade, contribui para os profissionais da educação, diante dos desafios que a vida docente apresenta.

FIGURA 3 – Mapa do centro de Paulo Afonso



FONTE: <https://www.cidade-brasil.com.br>

A escola em que a pesquisa foi realizada, está localizada no centro da cidade de Paulo Afonso, possui infraestrutura adequada para receber alunos da região. Conta com um bom acervo de livros, professores e funcionários capacitados. Grande parte dos alunos vêm da zona rural estudar na mesma.

Reconhecemos que nas pequenas cidades e povoados, o patriarcado é fortemente exercido. O homem, o cabeça detém todo poder político, religioso e social. Inicialmente, surgindo entre os hebreus a fim de qualificar líderes para a sociedade judaica, predominou até hoje.

Nesta relação de poder, o homem exerce domínio sobre a mulher, filhos e empregados. Fato este que perdura e perpassa a história, sendo repetido e reproduzido nas relações familiares e sociais. A escola, como principal lugar de exercer relações, sofre os impactos negativos desse tipo de relação X poder.

Deste modo, o Patriarcalismo ainda está embutido no subconsciente das sociedades. Embora as Constituições ocidentais afirmem que há igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade, o Patriarcalismo ainda se manifesta de alguma forma. Suas raízes germinaram no ideário humano ao longo dos séculos e ainda hoje é preciso indicar as formas e as ocasiões em que aparece o efeito do patriarcado para fazer valer o ideal de igualdade entre as pessoas. (GASPARETTO, 2013, p. 01)

Como supracitado, partindo de regiões rurais da cidade, os alunos já chegam à escola com o pensamento formado de que menino não senta-se ao lado de menina, que azul é somente usado por homens e que ele poder ter altivez na tratativa com meninas, pois assim foi ensinado. Durante as pesquisas, percebemos a veracidade de tais afirmações, quando, inicialmente os garotos sentavam separados das garotas e sequer dividiam brinquedos durante as brincadeiras.

Para LOURO (2008), quanto a diferença, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou só pode se constituir em uma relação. A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência.

Concluimos que o desrespeito ao gênero biológico é aprendido, é construído através das relações e convivência. Portanto, se a criança é ensinada e cresce em meio a práticas que desmerecem o próximo, a tendência é que seja reproduzida tais práticas nas relações sociais, em especial na escola.

## **CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO INFANTIL EM DEBATE: ESPECIFICIDADES DA PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Ao tratar-se de Educação Infantil, é perceptível que esta atravessou inúmeros percalços ao longo de décadas de lutas por reconhecimento. Desde quando estava sob a responsabilidade unicamente da sua família, até hoje, na sociedade contemporânea que reconhece a necessidade de a criança frequentar um ambiente de socialização, qual seja, a escola e por sua vez, aprender com seus semelhantes. É de suma importância que a Educação Infantil no âmbito social seja vista como necessária e seja de fato valorizada.

### **2.1 Antecedentes teóricos: educação infantil em debate**

Faz-se mister e de uma importância evidente definir e conceituar, *a priori*, Educação Infantil. A primeira etapa da Educação Básica merece verdadeira atenção e entendimento, visto tratar-se de direito humano e social de toda criança até os 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses de idade, independente de condição social, geográfica, fenótipo, nacionalidade etc.

Como define o Ministério da Educação (2013), a Educação Infantil constitui,

[...] primeira etapa da Educação Básica, [...] oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privado que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (MEC, 2013, p.3).

Entende-se, deste modo, o conceito de Educação Infantil não como uma etapa da Educação Básica menos importante, e sim como um período primordial para a formação da criança enquanto sujeito social.

Apresenta-se imperioso destacar, ainda, os estabelecimentos que devem ofertar a Educação Infantil, no que concerne ao Brasil. Tratando do referido tema, o MEC (2013) aduz que:

A educação infantil no Brasil é ofertada em creches, pré-escolas, escolas, centros ou núcleos de educação infantil, independentemente da denominação ou do nome fantasia que adotem. As instituições de educação infantil podem ser públicas ou privadas. As públicas são criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo poder

público federal, estadual, distrital ou municipal (LDB, art. 19, inciso I).

Portanto, é notório que o entendimento de Educação Infantil tem fortalecido seu desenvolvimento financeiro e qualitativo, tendo em vista que o Ministério da Educação (MEC) tem buscado melhorias implementando ações que visam sua expansão, qualidade e atendimento às crianças de até cinco anos de idade.

Anteriormente, as tentativas de aberturas de creches surgiam como forma de assistência para auxiliar as mães que exerciam trabalho fora de casa. Posteriormente, como o índice de mortalidade infantil estava elevado, sentiu-se a necessidade de pensar num espaço de cuidados da criança fora do âmbito e convívio familiar. Crianças oriundas de famílias menos favorecidas, ficavam em horário integral nas creches, enquanto crianças com situação econômica mais favorecida usufruíam apenas de um horário na creche. Ou seja, a educação permanecia assunto de família, motivo pelo qual a instituição foi denominada creche. DIDONET (2001).

Posteriormente, no século XIX, as tendências que acompanharam a implantação de creches foram: a jurídico-policial, a médico-higienista e a religiosa. As três com o mesmo objetivo de combater o elevado índice de mortalidade infantil no interior da família, bem como nas instituições de atendimento à infância. A primeira, defendia principalmente a infância moralmente abandonada.

Cabe ressaltar que sob influência das mobilizações sociais e políticas, desde o final da década de 1980, houve grandes avanços e conquistas para a Educação Infantil. Ramos (2012) afirma que:

A intensa mobilização social e política empreendida no cenário brasileiro, em favor da infância, culminou com o engajamento da Educação Infantil no plano da legislação, integrando as creches e pré-escolas à Educação Básica (RAMOS, 2012, p.17).

Com o passar dos tempos, alguns fatos levaram à crescente luta pela creche o que resultou em inúmeras transformações sofridas pela mesma, dentre elas, a consideração da Educação Infantil como um direito da criança, dever de cada município oferecer tal educação e enfim, constitui-se primeira etapa da educação básica, segundo considera a Legislação atual (LDBEN 9394/96).

A LDBEN 9394/96, no seu Art. 29 afirma que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de

idade, em seus aspectos físico psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDBEN 9394/96, Art. 29).

O artigo 18 ainda prevê a incorporação da Educação Infantil aos sistemas municipais de ensino. Sendo assim, as creches passam a assumir práticas de educação e cuidados que possibilitem a integração da criança nos seus aspectos físicos, emocionais, afetivos e sociais.

Falar da creche ou da Educação infantil é muito mais do que falar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida (DIDONET, 2001).

O principal objetivo da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança, “em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (art 29 da LDBEN 9394/96).

Se tratando dos avanços conquistados na Educação Infantil, no que concerne a criança, é perceptível que estes se tratam de mudanças pelas quais passaram a Educação Infantil brasileira desde os anos 80. As conquistas alcançadas deu-se a partir de políticas voltadas para a Educação, em especial, a educação infantil pós Constituição Federal de 1988.

Faz-se importante ressaltar que a realidade dos avanços não é igual em todas as regiões do país. Nas regiões sul e sudeste são mais desenvolvidos e beneficiados, de maneira que nas regiões norte e nordeste, onde a grande maioria da população é de classe baixa, os avanços são mais lentos.

Sarmiento (2001) salienta que:

[...] a construção social da infância não está apenas a declarar que a infância é um produto da história e não da natureza – ainda que também se afirme isso, mas que ela é objeto (e também sujeito) da sua contínua construção. Este não é um aspecto inacabado, mas um processo contínuo de investimento de papéis sociais para as crianças, de elaboração de sistemas representacionais, crenças e imagens sobre o que é ser criança e de determinação de identidades coletivas para a geração (SARMENTO, 2001, p. 14,15).

Com o passar do tempo, ocorreu diversos debates e lutas e a Educação Infantil enfim tornou-se etapa da Educação Básica, quando foi estabelecida a nova LDBEN, no ano de 1995.

Conforme os documentos do MEC (2013), a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, vem conquistando espaço a cada dia, ainda que num processo lento.

As preocupações do MEC não se limitam somente ao atendimento das crianças nas instituições, mas principalmente ao espaço como um todo: estrutura física, ambientes planejados e educadores qualificados. A partir daí são criados os RCNEI – Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, para orientar os profissionais.

Segundo FARIA (2013):

A publicação pelo MEC do RCNEI (1998) tem como “função subsidiar a elaboração e políticas públicas de educação infantil com vista a melhorias da qualidade e equalização do atendimento” (INOUE, WAJSKOP&CARVALHO *apud* BRASIL, MEC, 1998). Isso é uma grande responsabilidade na medida em que se percebe, através de sua leitura, um referencial que pressupõe, por exemplo, um educador altamente qualificado, capaz não só de analisar tipos de brincadeiras e efetivá-las, considerando o potencial da atividade e da criança, como também de prosseguir com a estimulação após cada resposta individual, e ainda famílias com condições de participação dentro da creche (FARIA, 2013, p. 9).

Ao observar as relações entre as crianças pode-se notar que os preconceitos, e os dilemas que cercam as relações de gênero estão presentes, mas que ao mesmo tempo não conseguem influenciar totalmente seu pensamento e forma de agir, embora esteja presente. São os adultos que querem que os meninos se comportem de uma determinada maneira tal como as meninas devem se comportar de tal forma.

A Educação Infantil da atualidade, ainda nos traz preocupações, quais sejam: desvalorização dos profissionais da Educação Infantil, crianças que ainda não recebem o verdadeiro reconhecimento e ultrapassagens de etapas da aprendizagem. Deve-se reconhecer a necessidade de saída de uma visão assistencialista para verdadeiramente ingressar numa visão pedagógica.

É de suma importância, no dia-a-dia, na relação aluno-educador, o trabalho que contempla a participação, a ética, a criatividade e a ludicidade, não se esquecendo de considerar as sensibilidades de cada criança.



## **2. 2. Educação infantil: itinerário formativo sob a experiência do estágio na Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão)**

O Estágio Supervisionado II, em Educação Infantil, foi de suma importância para o nosso amadurecimento profissional e pessoal. Diante dos desafios que a vida cotidiana docente nos apresenta, durante o estágio, pudemos perceber que a profissão é acima de tudo um ato de coragem. Planejar e executar aulas para alunos na faixa etária de 5 e 6 anos nos ensinou o quanto a organização, planejamento e sabedoria são pilares importantes na execução do trabalho. Por vezes nos alegamos em conseguir alcançar os objetivos, em outras, precisamos desenvolver atividades que não estavam no plano. Entretanto, tudo foi desenvolvido com diligência e esmero.

A prática docente está em constantes mudanças e os Cursos de Pedagogia cada vez mais completos, para melhor atender as necessidades das realidades encontradas em sala de aula. O estágio em Educação Infantil, possui grande relevância para a vida do docente em formação, pois possibilita viver realidades até então desconhecidas para o futuro educador.

Mediante o estágio em Educação Infantil, o educador desenvolve o senso crítico acerca dessa etapa importante da educação básica, possibilitando a melhoria de práticas inovadoras no seu futuro local de trabalho, produzindo posteriormente frutos na vida das crianças. Neste sentido, o estágio é compreendido como “um campo de conhecimentos que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade” LIBÂNEO (2005, p. 24).

Elucida-se que a pedagogia é um campo amplo, faz parte de um processo social que possibilita o trabalho coletivo e contempla diferentes áreas. Sendo assim, compreendemos que o Estágio antecede a prática e oportuniza ao futuro pedagogo o exercício de práticas que contribuirão para o exercício da sua profissão.

Sabemos que o Estágio supervisionado está previsto em Lei. A Lei Nº 11.778/2008 no seu Art. 1º aduz que:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (LEI, Nº 11.778/2008, Art. 1º).

Vejam que é notório o objetivo do Estágio Supervisionado, que tem como base a preparação do estudante para o trabalho. Ao passo que contribui para a instituição de ensino a qual o estudante colabora. Construindo relações sólidas, vivenciando práticas que cooperam para as relações sociais da comunidade escolar.

O Estágio Supervisionado, como sendo o primeiro contato do futuro professor com a sala de aula, produz no educador senso de responsabilidade quanto ao trabalho que será desenvolvido. Cabe salientar que através da prática de observação, planejamento e posteriormente a regência, o futuro educador descobre a capacidade de criação de práticas pedagógicas relevantes para a reflexão sobre a prática e atuação situação do sistema educativo.

Passerini (2007), afirma que:

O processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido (PASSERINI, 2007, p. 18).

Logo, o Estágio, enquanto parte do processo de formação docente, compreende que é contínuo e construção ao longo da graduação, produzindo experiências e amadurecimento como parte importante do processo.

O Estágio Supervisionado na vida do aluno atua como agente de transformação, pois através do estágio é possível ter contato com a realidade da educação e aflorar no aluno amor ou desapego a sua futura área profissional, bem como, a execução de práticas motivadoras na comunidade escolar a qual está inserido o estagiário.

Passerini (2007), contribui dizendo que:

O Estágio Curricular Supervisionado é aquele em que o futuro profissional toma o campo de atuação como objeto de estudo, de investigação, de análise e de interpretação crítica, embasando-se no que é estudado nas disciplinas do curso [...] (PASSERINI, 2007, p. 30).

Ou seja, o contato com o estágio supervisionado proporciona ao aluno e futuro educador, a oportunidade de atuação, produção de práticas pedagógicas e execução de métodos e metodologias aprendidas durante a graduação.

A MINUTA art. 1º(ufal/estágio pedagogia), afirma que:

Os Estágios Curriculares do curso de Pedagogia são atividades acadêmicas obrigatórias ou não-obrigatórias, que se configuram como vivências profissionais complementares à formação

acadêmica, destinadas a propiciar ao graduando a aprendizagem de aspectos que contribuam para a sua formação profissional integral (MINUTA UFAL, art. 1º, 2013).

Na Universidade Federal de Alagoas/Campus Sertão, os Estágio Curriculares são divididos em três etapas, distribuídos respectivamente no 6º, 7º e 8º período, quais sejam, Estágio Curricular I, Gestão e Coordenação Pedagógica, que prima pela observação e posteriormente produção e execução de um Projeto que abranja a escola.

Estágio Curricular em Docências na Educação Infantil, que por sua vez acontece de fato na sala de aula. O futuro professor tem a oportunidade de observar a turma, escolher um tema pertinente a ser trabalhado e por fim executá-lo. Por fim, é ofertado o Estágio Curricular em Docências nos anos iniciais do ensino fundamental, e possui a mesma metodologia do segundo.

Entendemos que a prática do Estágio Curricular, mais do que obrigação para obtenção de diploma, é um agente transmissor de conhecimento ao aluno-futuro professor, pois é no estágio o momento oportuno de contato direto com sala de aula e práticas de ensino-aprendizagem.

### **2.3 A natureza do trabalho pedagógico na educação infantil: desafios e possibilidades**

A Educação Infantil, como uma das etapas da educação básica, possui importância para a formação do cidadão. Embora não haja reconhecimento para tanto, é dever do estado a cobrança quanto às crianças que não têm frequentado a escola, sobretudo na educação infantil BARBOSA (2009, p. 19).

Enquanto primeira etapa da educação básica, a educação infantil proporciona, ao aluno, em seu primeiro contato com a instituição escola, as especificidades encontradas nesta etapa, quais sejam: conhecimento de si, do seu corpo, conhecimento do outro etc. permitindo ainda o contato com outras culturas.

Em todas as etapas da educação básica, são pensadas práxis pedagógicas que atendam às necessidades da faixa etária, visando às peculiaridades de cada idade. Na educação infantil, é o momento em que as relações são mais “estritadas”, proporcionando à criança o aconchego do seu lar e família. É importante salientar que, como destaca BARBOSA (2009):

A educação infantil, em sua especificidade de primeira etapa da educação básica, exige ser pensada na perspectiva de complementaridade e da continuidade. Os primeiros anos de escolarização são momentos de intensas e rápidas aprendizagens para as crianças. Elas estão chegando ao mundo aprendendo a compreender seu corpo e suas ações, a interagir com diferentes parceiros e gradualmente se integrando com e na complexidade de sua(s) cultura(s) ao corporalizá-la(s) (BARBOSA, 2009, p. 19).

Diante das diferenciações e conceitos de Educação Infantil, faz-se importante destacar os desafios apontados ao longo dos anos na Educação Infantil. Integrar uma criança recém-chegada a culturas diferentes e dialogar sobre vários temas, como saúde, segurança, meio ambiente etc. exige responsabilidade e domínio, o que torna o trabalho do educador, em suma, relevante. Para tanto, Barbosa (2009) afirma que:

As crianças possuem diversas características que as diferenciam entre si. Podem ser meninos ou meninas; negros, amarelos, brancos; surdas ou ouvintes; alegres ou quietas. Podem viver na cidade ou no campo, no litoral, na floresta ou na região ribeirinha (...) (BARBOSA, 2009, p.8)

Ao falar em educação, faz-se mister destacar que se trata também de assistencialismo, pois, no sentido técnico da palavra significa dar assistência. É o que, de fato, acontece na educação infantil. Considerando-se as diferenças e necessidades de cada aluno, o pedagogo atua também como um assistente, alcançando assim os objetivos planejados.

A partir do pensamento de Kuhlmann (1998), cabe ressaltar que a ação do professor, em muito, depende da sua formação teórica, que sendo ela sólida, permite ao professor trazer práticas do cotidiano para a sala de aula, aguçando o senso crítico dos alunos (p. 6).

A Educação Infantil vive hoje uma intensa busca por métodos e mudanças que fortaleçam práticas pedagógicas, estimulando o ensino-aprendizagem. Tais temáticas são discutidas em cursos de formação de professores e com o passar do tempo, o currículo dos cursos de pedagogia têm sido repensados e reformulados que possam agregar tais práticas.

Temas atuais e trabalhados no ensino fundamental podem e devem ter espaço na Educação Infantil. O questionamento que cabe é: como podemos ensinar a esses assuntos para crianças? Dentre eles, desenvolvimento humano.

A partir disso, o senso crítico é relevante no educador. Pensar práxis pedagógicas que influenciem os alunos da Educação Infantil continua sendo um grande impasse e é necessário ir além, enxergando a criança como capaz de compreender o que lhe é ensinado. Somente assim, será possível transpor tais barreiras que a profissão nos impõe, sobretudo, na Educação Infantil.

## **CAPÍTULO III – APROXIMAÇÕES COM O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Falar sobre Educação Infantil nos remete a diversos pensamentos. Para nós, se destaca a prática pedagógica. Na vivência e contato com a educação infantil, percebemos quão importante e valiosa foi para nós a presente pesquisa. Trata-se de pesquisa qualitativa e nos possibilitou experiências e conhecimentos dos quais são se desfarão ao longo da jornada profissional.

### **3.1 Arranjo metodológico**

O presente trabalho, tratou-se de uma pesquisa interventiva, de natureza qualitativa, partindo da análise de um problema geral. Realizada através de aulas interventivas.

Para que pudéssemos ter uma boa reflexão acerca das relações de gênero na escola com as crianças da sala em que estávamos regendo tivemos que adotar uma metodologia que pudesse cercar a criança de todas as formas com estímulos positivos sobre os sexos masculinos e femininos, bem como o trabalho em grupo.

Para isso usamos desde a hora da acolhida até o final da aula, métodos que precisam da ajuda de outra pessoa ou de um trabalho em equipe.

Entretanto, no período da observação nos deparamos com uma situação um tanto quanto complicada, pois, a professora titular da sala costumava separar em dois grupos a sala de aula, de um lado ficavam cerca de 15 meninas, todas juntas e, do outro lado, separados por uma cadeira vazia, o restante da sala, ou seja, os 6 meninos que estudavam lá. Logo de cara encaramos isso como um gesto que ia em contrapartida ao que estávamos propondo, a união dos meninos e meninas.

Essa formação da sala já vinha sendo feita desde o começo do ano letivo, então percebemos que os alunos já tinham seus laços afetivos formados com o restante da sala, e que, nesse processo houve a união das meninas com as meninas, a união dos meninos com os meninos e por ironia, a desunião entre os meninos e as meninas. Isso acabou gerando uma separação muito forte na sala, reforçando a divisão de papéis na micro sociedade que havia sido criada na sala de

aula. Em algumas situações as meninas ficavam encarregadas de um papel específico ou de nenhuma atribuição por serem meninas, enquanto os meninos ficavam responsáveis por alguma função simplesmente por serem meninos, por exemplo: num determinado dia fomos ao pátio para brincarmos com o colchonete e ao terminar a atividade, a professora pediu para que as meninas fossem brincar e que os meninos, que eram “os homens da sala”, fossem pegar os colchonetes, já que são fortes. É uma atitude muito pequena do ponto de vista físico, de força muscular, pois o colchonete é leve e qualquer um poderia leva-lo, mas do ponto de vista sociológico essa atitude reforçou a ideia de que a mulher é fraca, frágil, que não pode se responsabilizar por uma atividade que precise de um pouco mais de força. E ao mesmo tempo, reforçou a ideia de que o homem é o mais forte, viril, que pode pegar todo o peso e se encarregar de todo trabalho braçal.

Sendo assim, seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem “Científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender e justificar a desigualdade social (LOURO, *apud* DANIELA, 2012, p. 5).

A metodologia utilizada por nós teve como principal característica o trabalho em equipe, mas não equipe de meninas e equipe de meninos, as equipes eram formadas propositalmente com meninos e com meninas, misturando a sala. Sem querer querendo acabamos incluindo aqueles que mesmo com 1 ano de convivência ainda tinha timidez ao brincar com o restante da turma e preferia ficar sozinho. Com o método do trabalho em equipe adotado por nós para minimizar o problema entre os meninos e meninas, foi constatado que essa briga entre os sexos na sala ia se dissipando com o passar da brincadeira ou da cantiga. Vimos as crianças que tem esse impasse trabalhar em equipe, torcer pela colega, tentar ajuda-la em alguma situação imposta pela brincadeira sem ter o menor indício de que até pouco tempo havia tido algum problema em relação a meninos e meninas na mesma sala.

Percebemos que com a mediação do professor algumas atitudes tomadas pelos alunos poderiam ser evitadas. Deixamos claro aqui que, não estamos fazendo uma crítica a professora regente, sabemos das dificuldades encontradas na sala de aula e que o professor além de 30 alunos, tem outras funções para desenvolver, seja como mãe, filha, dona de casa, etc. acarretando numa sobrecarga muito alta, defasando outras áreas. Mas que, um olhar mais atento pode evitar certos comportamentos inadequados.

Nossa acolhida foi dividida em 3 partes: cantigas, roda de conversa (incluindo a chamada e o calendário) e quando tínhamos tempo, uma história. Quando levávamos um livro para contarmos a história tínhamos que optar por ler o livro ou fazer a roda de diálogo. O motivo pelo qual tínhamos que fazer essa escolha era a falta de tempo, pois o lanche era entregue na sala de aula às 8:30 da manhã, comprometendo nosso plano de aula, pois tínhamos que fazer a acolhida de forma rápida para dar tempo fazer tudo. Mas mesmo assim mantínhamos um padrão de qualidade alto ao realizar tal atividade.

As canções trazidas por nós tinham o intuito de unir a sala, por este motivo, sempre pedíamos para que as crianças dessem as mãos na hora de canta-las e que obedecessem aos comandos que a música pedia: dar um abraço, fazer cócegas etc.

É impressionante como as crianças aprendem rapidamente que o respeito deve prevalecer em todos os momentos. O olhar atento do professor pode detectar isso.

Ao fazerem o que a canção pedia as crianças esqueciam rapidamente todos os preconceitos trazidos de casa em relação à gênero, pois brincavam, se abraçavam sem o menor problema e mais legal que isso é vê-los pedindo para repetir a brincadeira pois gostaram muito.

Outra metodologia utilizada e que foi muito bem recebida pelos alunos e pela professora da sala foi a de dar protagonismo aos alunos, dar visibilidade, dar destaque a algo que eles gostam de fazer, mas que não têm oportunidade, seja por vergonha, falta de incentivo ou qualquer outro motivo. Com esta modalidade todos perceberam que todos possuem qualidades, seja para a dança, canto e até mesmo piadas. Foi o momento em que toda a turma botou para fora seus dotes artísticos, em alguns casos esse momento foi quase um desabafo.

A partir disso, as crianças recriam muitas histórias vividas durante as brincadeiras e posicionam-se frente ao mundo por meio dessa linguagem. Como as relações de gênero estão imbricadas nas relações que os sujeitos estabelecem na sociedade, a família e a escola se destacam na introdução de comportamentos adequados ou esperados sobre ser menino ou menina, homem ou mulher, o que faz com que ela internalize tais representações em sua infância” (PEREIRA, 2016, p. 5).

Mais uma vez notamos que um olhar mais atento pode ser o começo para a desconstrução de preconceitos trazidos pelos pais para a escola e, da escola para todos os meios sociais que o indivíduo possa participar.



Por meio da pesquisa qualitativa, das atividades de intervenção foram organizadas a partir de quatro eixos presentes no currículo da educação infantil. Os blocos temáticos trabalhados por nós foram os já trabalhados pela professora regente e em cima deles buscamos aplicar nossa metodologia do trabalho em equipe e protagonismo. Dentre os eixos trabalhados foram:

## **BLOCO TEMÁTICO**

**Cronologia:** calendário, sólidos geométricos e as horas.

**Identidade e autonomia:** autoestima, importância do nome.

**Expressividade** Artes visuais: trabalho manual e atividade de colagem e pintura.

**Corporeidade e movimento:** o corpo em movimento – danças.

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2016).

Todos os eixos temáticos trabalhados em sala de aula tiveram a abordagem do trabalho em equipe e protagonismo como a forma de uni-los e perceberem as diferenças, as semelhanças tão quanto as qualidades que cada um de nós possuímos e que deve ser respeitada. Dessa forma, pudemos fazê-los reconhecer que meninos e meninas são diferentes e que essa diferença nos une.

### **3.2 As relações de gênero na educação infantil**

A escola é, sobretudo, um ambiente de práticas e aprendizado. Desde o simples ao mais complexo, e quando se trata de relações de gênero, principalmente, surgem tabus. Entretanto, o assunto é, em suma, relevante e necessita de olhar especial, porque grandes são os traumas que as crianças têm vivido na educação infantil. A criança chega à escola com a bagagem trazida de casa. Muitas delas sofrem preconceitos desde seu lar e na escola o reproduzem.

Na Educação Infantil, as crianças demonstram extrema sensibilidade e conseguem facilmente demonstrar carinho para com os seus colegas, como abraços etc. Mas, já existe uma visível divisão entre meninos e meninas.

Uma forte forma de expressar da criança é através das brincadeiras. Neste momento elas conseguem expressar seus sentimentos e muitas vezes, daí surgem às divisões, como por exemplo: “esta brincadeira é de menino”, “nestas brincadeiras

os meninos ficam de fora” etc. Na tentativa de desmistificar isso, trabalhamos muito com brincadeiras que envolviam meninos e meninas e com dinâmicas que os encorajava a ficarem em dupla ou em grupo com menino e menina.

Para discutir gênero, é necessário compreender o seu amplo significado. Meyer resume como “Gênero, então, enfatiza a construção relacional do sexo e a organização social dessa construção” (MEYER, 2003, p. 262). Ou seja, gênero é uma construção, que historicamente é definido pelo estereótipo.

Na regência em que trabalhamos com o tema Ele X Ela, iniciamos a aula com a acolhida cantando a música “Eu vou pegar o trem”, trabalhando em pares: menino e menina. Afirmamos as diferenças biológicas entre ambos, mas destacamos que são iguais a capacidade de se relacionar. A atividade foi encontrar a diferença no ser par e escrever quais atitudes deveriam ser tomadas para melhorar a relação entre eles.

Trabalhamos ainda com as cores Rosa X Azul. Havia crianças com o preconceito tão forte em suas mentes que relataram que menino jamais deveria usar ou sequer pegar em algo rosa. Para trabalhar isso, na aula de expressividade, produzimos massa de modelas caseira nas cores rosa e azul, destacando que o fato de um menino brincar com a massinha rosa não o tornaria mulher.

Tivemos a oportunidade de reger aulas voltadas para o “Outubro rosa” e “Novembro azul”, trabalhando com mini palestras acerca do assunto, artes visuais produzidas pelos alunos para os seus pais etc.

Diante dos objetivos da pesquisa, obtivemos resultados satisfatórios. Durante a pesquisa interventiva muitos foram os percalços, tais como: crianças fortemente armadas de preconceitos e agressivas para com os colegas. Colhemos frutos na última semana de pesquisa interventiva, pois conseguimos reafirmar as qualidades que todos possuem, independente do gênero. Isso foi perceptível através das atitudes, ora tomadas pelos alunos.

Há uma criança que no primeiro dia agrediu sua colega com um empurrão, tomou a boneca dela, jogou no chão e disse: *“a última vez que peguei na boneca da minha irmã, meu pai me deu pisa de cinturão”*. A mesma criança, na última semana se mostrou amorosa com todos os colegas, repartindo os brinquedos e brincando com todos no intervalo.

É imperioso destacar que foi desenvolvido o senso de igualdade entre os meninos e meninas. Já se mostravam receptivos com brincadeiras que exigia se

juntar à uma garota ou garoto. Reconhecemos que o trabalho é contínuo e exige sempre reforço, mas compreendemos que durante a pesquisa, uma pequena semente foi plantada e que darão ainda mais frutos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De todo o exposto, a pesquisa teve como referência as relações de gênero, suas especificidades e possibilidades, sendo possível estabelecer um padrão de igualdade entre os gêneros na educação básica, sobretudo na educação infantil.

Neste sentido, o que incansavelmente se observa, é o preconceito e dificuldades no que diz respeito à gênero na escola, todavia, é necessidade na educação básica propostas de mudanças que assegurem o bom relacionamento entre os alunos, produzindo uma convivência saudável, haja vista ser primordial para o desenvolvimento emocional da criança, promovendo o seu bem estar.

Neste norte, é cediço que o ambiente escolar traz oportunidades de exercício de boas relações sociais, em razão disso, sabiamente, é necessário práxis pedagógicas que proporcionem a melhoria da convivência entre as crianças.

Para tanto, foi necessário a pesquisa interventiva na escola da rede municipal, para que viessem ser evidenciadas as necessidades de se trabalhar gênero na educação infantil.

Desta forma, analisando casos práticos, pôde-se verificar que hodiernamente a atuação do professor na intervenção de assuntos relevantes, como gênero, ainda que lentamente, vem ganhando força no cenário da educação brasileira, entretanto, o tema ainda é muito discutido nas esferas municipais.

Atualmente, a discussão sobre gênero ganhou repercussão depois de uma audiência na Comissão de Educação da Câmara, após tentativa do MEC em busca de um caminho de equilíbrio.

Como se viu, foi necessária uma abordagem a respeito da igualdade entre os gêneros, em que pese haver um respeito entre ambos, é evidente caracterizar que um padrão de relacionamento saudável necessita ser estabelecido.

Por fim, percebeu-se que a pesquisa estruturou-se de modo a demonstrar, por meio da intervenção de estágio, que as relações entre crianças na escola é

afetada em consequência dos preconceitos trazidos de casa, mas que um padrão de respeito deve ser estabelecido para boa relação de ambos.

## **REFERÊNCIAS**

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC, SEB, 2009.

GALVÃO, Isabel. Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não. Petrópolis: Vozes, 2004.

KUHLMANN Jr., M. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998. (p.103-164).

MELO, Vanessa Silva. Relações de Gênero e Sexualidade na Educação Infantil. 2013.

DIAS, Afrancio Ferreira. Identidade e Relações de Gênero sobre Múltiplos Olhares. São Paulo: Baraúna, 2013.

## APÊNDICES

## ANEXOS